

# **O ciberespaço como fonte para os jornalistas\***

## **1. Introdução**

Como regra geral, nos estudos sobre a prática profissional no jornalismo digital, são tomados como parâmetro pelos pesquisadores os procedimentos usados nos meios convencionais, transplantados como elementos estruturais do sistema de produção de conteúdos das publicações jornalísticas no ciberespaço. A criação da tecnologia digital desencadeia um processo de utilização das redes telemáticas que apresenta duas vertentes:

- a) as redes são uma espécie de ferramenta para nutrir os jornalistas das organizações convencionais com conteúdos complementares aos coletados pelos métodos tradicionais e
- b) as redes são um ambiente diferenciado com capacidade de fundar uma modalidade distinta de jornalismo, em que todas as etapas do sistema de produção de conteúdos jornalísticos permanece circunscrita aos limites do ciberespaço.

A falta de clareza sobre as conseqüências para o jornalismo da disseminação do suporte digital dificulta a compreensão plena das particularidades da prática jornalística nas redes, das mudanças no perfil do profissional, na estrutura organizacional das empresas jornalísticas e das funções que o usuário passa a ocupar no sistema de produção de conteúdos. Neste ensaio, com a caracterização do próprio ciberespaço como fonte para o trabalho dos jornalistas, pretendemos reorientar o foco da discussão, defendendo a hipótese de que o futuro dos projetos jornalísticos empreendidos no suporte digital, até o momento muito atrelados aos modelos dos meios clássicos, depende da adoção de técnicas de pesquisa e apuração adequadas ao jornalismo praticado nas redes telemáticas.

## **2. A especificidade da apuração no ciberespaço**

Na contramão do uso instrumental dado aos computadores durante o processo gradual de entrada destes equipamentos nas redações, a disseminação do jornalismo digital, enquanto uma nova modalidade jornalística, pressupõe a criação de técnicas de pesquisa e apuração adequadas ao entorno constituído pelas redes telemáticas. O conceito de jornalismo de precisão, elaborado no começo dos anos 70 para definir o trabalho jornalístico no cenário das sociedades complexas revela os limites dos primeiros modelos de digitalização nas redações. Quando enquadra a tecnologia como apêndice do processo, que serve para aperfeiçoar as ações dos jornalistas sem implodir os fundamentos então consagrados pela prática, em vez de contribuir para mudar a essência da profissão, o jornalismo de precisão, como mais tarde, a reportagem assistida por computador<sup>1</sup>, passa ao largo das implicações que a tecnologia poderia representar para o exercício do jornalismo.

A escassa incorporação pelo conjunto dos jornalistas das potencialidades oferecidas pelos computadores para a execução das tarefas diárias, mesmo depois de passados quase 30 anos do lançamento de obras clássicas sobre o tema como *Precision Journalism*<sup>2</sup>, de Philip Meyer, demonstra o descompasso entre o mapeamento conceitual do fenômeno e as demandas da prática profissional. Como no caso do chamado *New journalism*, que desconhecendo as particularidades do discurso jornalístico numa sociedade complexa, defendia uma espécie de jornalismo ficcional, o *Precision Journalism*, querendo empregar métodos oriundos das Ciências Sociais pouco compatíveis com os constrangimentos do jornalismo diário, estimulou um modelo de aplicação da tecnologia destinado a equipes especializadas para a elaboração de reportagens<sup>3</sup>, uma vez que, dentro das redações, o computador era, como ainda continua sendo, usado para processar o texto, ocupando função secundária nas atividades cotidianas de apuração.

Quando aplicado nos anos 60 e 70 o *Precision Journalism*, como recorda Meyer, longe estava de reivindicar mudanças de paradigma no jornalismo, descrevendo a utilização de métodos de pesquisa das ciências sociais como o mesmo velho jornalismo feito com outros meios. “As normas básicas não diferem das que nós sempre temos trabalhado. “Descobrir os fatos e contar o significado deles sem perda de tempo. Se existem instrumentos que nos autorizam a cumprir esta tarefa com maior poder, veracidade e luzes, nós deveríamos utilizá-los ao máximo<sup>4</sup>”. Quase três décadas depois, quando revisa o conceito em 1991<sup>5</sup>, Meyer considera que, com modesta melhora quantitativa em rapidez e veracidade, o jornalismo de precisão preserva a função clássica do jornalista e, mesmo sem entrar no mérito da hipótese que o jornalismo passa por uma revolução paradigmática, para responder as objeções contra o jornalismo de precisão, esclarece que, quando uma mudança quantitativa alcança magnitude, tende a se tornar em transformação qualitativa.

Não é de surpreender-se, pois, que a crítica ao jornalismo de precisão ocorra no momento da expansão do processo de produção, circulação e consumo de conteúdos jornalísticos nas redes telemáticas, que indica a ascensão, dentro da ecologia do campo comunicacional, de um novo tipo de jornalismo formatado para o ciberespaço. O jornalismo digital inclui todo produto discursivo que re-produz a realidade pela singularidade dos fatos, tem como suporte de circulação as redes telemáticas ou qualquer outro tipo de tecnologia que transmita sinais numéricos e que incorpora a interação com os usuários no processo produtivo. É, considerando o fato que o suporte digital possibilita tanto a reconversão da natureza do ofício, quanto a alteração de todas as etapas da produção jornalística, que a consolidação do jornalismo digital depende da superação do modelo conceitual contemplado no jornalismo de precisão ou na reportagem assistida por computador, que caracteriza a tecnologia como ferramenta auxiliar no trabalho jornalístico.

Um diagnóstico do sistema de produção do jornalismo nas sociedades contemporâneas revela a existência de dois tipos diferentes de uso das redes telemáticas. No primeiro, as redes são concebidas como ferramenta auxiliar para a elaboração de conteúdos para os meios clássicos, ainda abastecidos com métodos clássicos de coleta de dados, enquanto que, no segundo, todas as etapas do sistema jornalístico de produção - desde a pesquisa e apuração até a circulação dos conteúdos - estão circunscritas as fronteiras do ciberespaço. Sem incorporar as particularidades do jornalismo digital, o primeiro modelo representa a aplicação do conceito de jornalismo assistido por computador, que permite o uso dos conteúdos das redes nos meios convencionais sem alterações essenciais no conjunto das práticas de todos profissionais dentro das redações.

O conceito jornalismo assistido por computador identifica o processo de coleta de dados com auxílio do computador e que, para Nora Paul (1999: 3-4), abrange quatro modalidades: 1) reportagem, pesquisa, referência e encontro. Na reportagem o jornalista conta com os recursos de programas especializados para cálculos complexos, programas estatísticos para análises de dados extensos e programas para construção de arquivos próprios, capazes de contextualizar os fatos e identificar tendências futuras. Enquanto a reportagem assistida por computador trabalha com fontes primárias como entrevistas ou observações, a pesquisa utiliza fontes secundárias como relatórios, artigos ou disponíveis nos bancos eletrônicos de dados. A referência permite a consulta a fontes como dicionários, enciclopédias, almanaques e glossários, disponíveis em meios como CD-ROMs ou nas próprias redes. Os encontros são possíveis nas listas ou nos grupos de discussão, lugares em que os jornalistas têm a chance de participar das discussões, acompanhar as opiniões de especialistas em esferas específicas e descobrir futuras fontes para reportagens.

A disseminação das redes digitais, como constata Bastos (2000: 82) estimula a elaboração de uma lógica estrutural distinta para o jornalismo com conseqüências para a pesquisa, produção e difusão de dados. Mais que ferramentas ao dispor dos jornalistas as tecnologias de circulação e armazenamento de dados são o indício de fenômeno mais amplo que exige diferentes habilidades dos profissionais do jornalismo. Antes mesmo do desenvolvimento do jornalismo digital, Koch (1991: 63) defendia que com os bancos de dados em linha nascia uma forma distinta de relação entre o jornalista e o assunto da notícia. Como a tecnologia digital tende a afetar tanto os meios de produção quanto os próprios conteúdos, contrapondo-se a teóricos como Meyer que consideram o fenômeno como o “mesmo velho jornalismo” com nova cara, Koch (1991:198) acredita que o uso dos bancos de dados eletrônicos lança os alicerces de um novo tipo de jornalismo, que liberta os profissionais dos pontos de vista limitados expressos por especialistas e fontes oficiais.

Enquanto nos modelos de pesquisa e apuração nos meios convencionais a apuração parte de fatos que podem ser localizados com facilidade, factóides isolados de uma determinada região e, mais frequentemente, de declarações, Koch acentua que, no modelo eletrônico para apuração jornalística, os fatos são substituídos pela necessidade de uma frase de busca que defina a questão ou problema pautado. O estudo de Koch demonstra que, no modelo clássico, antes do relato ser publicado o jornalista deve encontrar os fatos, buscar os produtores de fatos para contrastar os indícios com os fatos arquivados no jornal, além da obrigação de entrevistar parlamentares ou funcionários vinculados ao assunto. No caso da apuração eletrônica, que parte de uma frase para descrever o tema da notícia ou reportagem, Koch lembra que, antes do relato contextual dos fatos o jornalista consulta dados armazenados ou fontes disponíveis no ciberespaço, entrevista os sujeitos dos fatos e avalia o conteúdo das declarações tanto no espaço eletrônico quanto nas páginas impressas.

## **2. A natureza das fontes no ciberespaço**

A estrutura descentralizada do ciberespaço complica o trabalho de apuração dos jornalistas nas redes devido a multiplicação das fontes sem tradição especializada no tratamento de notícias, espalhadas agora em escala mundial. Nos sistemas convencionais de jornalismo a preferência pelas fontes oficiais representa uma estratégia dos profissionais para obter dados fidedignos de personalidades reconhecidas, respaldadas pelo exercício de uma função pública. Uma característica que, mesmo decorrente da estrutura social que predomina nas sociedades industriais, quando elegida como critério decisivo para a definição das pautas, arrisca a credibilidade da publicação pelo tom oficialista dos conteúdos. Na medida que a arquitetura descentralizada do ciberespaço desarticula o modelo clássico, o exercício do jornalismo nas redes telemáticas depende do estabelecimento de critérios capazes de garantir a confiabilidade do sistema de apuração dentro de um entorno com as especificidades do mundo digital.

Nos bons manuais dedicados ao estudo do jornalismo as fontes são classificadas quanto em oficiais, oficiosas e independentes. Fontes oficiais são mantidas pelo Estado, por empresas e organizações como sindicatos ou associações. Fontes oficiosas são aquelas relacionadas de forma direta com uma instituição ou personalidade mas sem poder formal de representação. Fontes independentes são aquelas sem vínculos diretos com o caso tratado. O mau hábito de julgar as fontes oficiais como as mais confiáveis trata-se, alerta Lage (2001:63), de um vício no jornalismo porque a mentira ocupa lugar estratégico nas intervenções de personalidades ou instituições vinculadas aos poderes fáticos quando da defesa de interesses particulares, difundidos como manifestação da vontade coletiva. Mesmo com a comprovação da parcialidade dos detentores dos poderes sociais, a estrutura centralizada do jornalismo convencional gera uma supremacia absoluta das fontes oficiais.

No ciberespaço, pela primeira vez, os movimentos sociais, até então atores políticos dependentes na medida que a difusão do registro verbal na cena comum passa pela mediação das organizações jornalísticas, podem sem os impedimentos colocados pela tecnologia necessária para manter os meios convencionais, contribuir para a constituição de um espaço público democrático. A capacidade de intervir sem mediação de terceiros no processo social desde uma perspectiva distanciada dos poderes oficiais desestabiliza a proporção do uso dos três tipos de fontes pelos jornalistas. Vejamos o caso do *MST*, por exemplo. No jornalismo clássico um movimento social como o *MST* ganha cobertura jornalística quando ocorre uma tragédia como o massacre de *Eldorado dos Carajás* ou uma ação que afronta a norma legal como a ocupação de uma propriedade privada sem prévia autorização porque a lógica massificada do jornalismo nas sociedades complexas dificulta a reiteração cotidiana das temáticas específicas, mais adaptadas a publicações dirigidas como o *Jornal do MST*, que conta o dia a dia do movimento para uma audiência limitada.

Como a credibilidade das organizações jornalísticas, enquanto instituições mediadoras de todos os tipos de bens simbólicos numa esfera pública comum nas sociedades contemporâneas supõe a incorporação das vozes dos diferentes setores fica muito mais difícil desconhecer o *MST* como fonte porque a realidade do movimento circula no ciberespaço sem a necessidade da chancela jornalística. A natureza da estrutura das redes telemáticas transforma movimentos sociais como o *MST*, classificados pelo campo jornalístico como fontes primárias, envolvidas como atores no desenvolvimento da ação descrita na notícia ou reportagem, em difusores<sup>6</sup> para o conjunto da esfera pública comum de uma agenda temática que, desconectada da realidade imediatada dos demais setores, somente merece destaque dos meios convencionais durante momentos de conflitos. O processo de constituição de assessorias de comunicação ou relações públicas orientadas

para incluir temas particulares no fluxo dos sistemas de circulação de notícias representa um indício de que a profissionalização das fontes constitui uma das especificidades do processo de coleta de dados, produção e circulação de conteúdos no jornalismo em sociedades complexas.

A novidade do jornalismo digital reside no fato de que, quando fixa um entorno de arquitetura descentralizada, altera a relação de forças entre os diversos tipos de fontes porque concede a todos os usuários o status de fontes potenciais para os jornalistas. Se cada indivíduo ou instituição, desde que munido das condições técnicas adequadas, pode inserir conteúdos no ciberespaço devido a facilidade de domínio de áreas cada vez mais vastas, fica evidenciada tanto uma certa diluição do papel do jornalista como único intermediário para filtrar as mensagens autorizadas a entrar na esfera pública, quanto das fontes profissionais como detentoras do quase monopólio do acesso aos jornalistas. A possibilidade de dispensa de intermediários entre as fontes e usuários implode com a lógica do predomínio das fontes profissionais porque transforma os próprios usuários em fontes não menos importantes.

O estabelecimento de uma relação sem intermediários entre as fontes e os usuários decorrente das características da tecnologia digital permite concluir que a pesquisa sobre as fontes não se circunscreve mais as relações dos jornalistas com as fontes oficiais ou com fontes institucionalizadas pautadas por uma lógica de ação estratégica, comportando como elemento estrutural não menos importante, os usuários como fontes para o jornalismo<sup>7</sup>. Com a multiplicação das fontes provocada pela facilidade de obtenção de dados armazenados nas páginas individuais, nos bancos de dados públicos e nas redes de circulação de notícias aumenta a chance de ocorrer um deslocamento do lugar das fontes da esfera do oficial ou do oficioso para o domínio público. Enquanto o sistema de cobertura

setorizada dos meios convencionais, alicerçado numa estrutura de redação centralizada dividida em editorias reforça o vício do recurso as fontes oficiais, uma redação descentralizada que opera dentro de um projeto de afinidades temáticas estimula a diversificação das fontes.

Mesmo com projeto conversador para o formato digital, o *Último Segundo*<sup>8</sup>, publicação jornalística do *iG*, conta com uma proposta original: trata-se do *Leitor-repórter iG*<sup>9</sup> em que os usuários do portal podem enviar sugestões de reportagens e textos ao *Último Segundo*. Com o *Leitor-Repórter* a publicação incentiva a participação dos internautas na solução dos problemas de cada comunidade, cidade ou do próprio país. Dividido em duas modalidades: notícias e reportagens, o *Leitor-Repórter iG*, que prioriza notícias em tempo real, possibilita que o usuário faça denúncias e divulgue fatos de qualquer parte do mundo. Para participar, o leitor que presenciar um fato inusitado pode mandar uma mensagem para a Redação. Se for o caso, o *Último Segundo* faz nova apuração e checagem dos dados antes de colocar a notícia do colaborador no ar. No caso das reportagens o leitor pode enviar textos e fotos para reportagens especiais sobre algum tema de livre escolha.

A inclusão dos usuários como fontes coloca na agenda da pesquisa sobre o campo jornalístico um aspecto até agora negligenciado pelos códigos de ética do jornalismo convencional: as responsabilidades dos usuários das redes como fontes para os jornalistas<sup>10</sup>. Uma omissão justificada no Jornalismo convencional porque a notícia que chega ao público depende de uma negociação direta entre jornalistas e fontes, cabendo ao leitor, ouvinte e telespectador a função de consumidor dos conteúdos. Como a experiência do projeto *Leitor-Repórter do iG* indica, daqui para frente é provável que, cada vez mais o cidadão comum disponha de condições para entrar no circuito de produção da notícia. Em contrapartida, do mesmo modo que o jornalista no exercício da profissão deve cumprir com

o código de ética que resume os procedimentos deontológicos, a participação do usuário enquanto fonte ou colaborador revela a necessidade de uma atualização dos códigos de ética profissional com a definição dos direitos e deveres dos usuários como fontes, alargando um processo antes restrito aos jornalistas e aos membros do público detentores de cargos oficiais ou envolvidos nos fatos<sup>11</sup>.

### **3. Mudanças no sistema de produção no ciberespaço**

O treinamento dos jornalistas e dos usuários emerge como uma pré-condição para o acesso com proveito das fontes no ciberespaço devido as particularidades das técnicas de apuração e das funções desempenhadas pelos diversos atores sociais nas redes telemáticas. Para desenvolver o trabalho jornalístico em um entorno cada vez mais amplo e complexo como o mundo digital tanto o profissional quanto o usuário das redes telemáticas devem dominar técnicas adequadas para avaliar dados muito diversos, com valor desigual e propósitos distintos que cada cidadão pode publicar sem qualquer tipo de restrição prévia. A multiplicação das fontes, como frisa Pinto (2000:292), representa uma complexificação da vida social como conseqüência do desdobramento das instâncias produtoras de discursos e iniciativas, que revela a entrada de novos atores na cena social e exige uma estrutura distinta das organizações jornalísticas.

Sem a necessidade da presença dos jornalistas no local, a redação do jornal digital ocupa o lugar de um centro de gravidade para onde converge o fluxo de matérias enviadas pelos profissionais, colaboradores e usuários do sistema<sup>12</sup>. Em vez da divisão em editorias específicas como ocorre no jornalismo convencional nas redações digitais os membros da publicação são dispostos de forma mais livre para facilitar o trabalho em torno de uma temática comum. Como a descentralização da produção dos conteúdos dificulta o contato direto entre os profissionais a construção de redes de comunicação internas evita o

isolamento entre os colegas, contribuindo para que o produto final seja o resultado de um esforço coletivo. Quanto mais cada profissional envolvido com o projeto estiver vinculado a construção da rede interna de comunicação maiores são as possibilidades de troca de dados ou experiências porque o segredo do sucesso de um rede de comunicação reside na diversidade de fontes disponíveis.

O jornalismo nas redes promove uma inversão no processo tradicional de produção de notícias porque o repórter antes de sair em perseguição de uma personalidade qualquer para recolher uma declaração sobre um determinado fato deve empreender um levantamento dos dados necessários para elaborar a notícia ou reportagem. Enquanto no jornalismo convencional, muitas vezes, a notícia consiste na própria declaração, o jornalismo nas redes possibilita que a declaração seja um dos elementos que reforça a credibilidade da notícia, quando permite aos envolvidos o direito de expressar comentários sobre o caso. A inversão no processo produtivo nada tem a ver com a substituição dos postos clássicos de cobertura como prefeituras, câmaras de vereadores, assembleias legislativas, governos estaduais ou federal, câmara federal, senado ou federações empresariais e sindicais pelas variadas fontes independentes acessíveis no ciberespaço.

Nenhum tipo de jornalismo pode em troca do acompanhamento das ações restritas ao mundo das redes menosprezar a cobertura de centros de onde irradia parcela considerável do poder político de uma sociedade, instâncias dedicadas a elaborar as normas essenciais para o funcionamento das instituições capazes de alterar a rotina de todos. Muda sim a perspectiva da cobertura que pode fugir da síndrome das declarações ou repercussões para aprofundar temas de interesse coletivo e a forma de apuração dos fatos. No caso de um setorista do Congresso Nacional em vez de permanecer todo o tempo a espera de um determinado senador ou deputado o jornalista pode ocupar parte da jornada de trabalho em

vasculhar pela rede os projetos em ordem de votação, os pareceres dos relatores, as emendas propostas ao orçamento da união e tentar estabelecer as relações entre os projetos na ordem do dia e as prioridades do programa de governo, por exemplo. Depositário de uma tradição de dependência da palavra oral o jornalismo tradicional raras vezes centra o foco no trabalho ordinário da administração pública, com exceção dos considerados escândalos públicos, episódios rumorosos em que os dados via de regras são provenientes de vazamentos de fontes interessadas<sup>13</sup>, como nas recentes reportagens sobre operação da Polícia Federal na empresa da Governadora do Maranhão, Roseana Sarney.

A reboque das circunstâncias, o jornalismo convencional divulga os fatos quando em pleno desenvolvimento, como a epidemia de dengue no Rio de Janeiro que, mesmo tendo sido ocasionada por medidas adotadas com antecedência de meses como a demissão dos mata-mosquitos no Estado pelo Ministério da Saúde, ocupa as manchetes no momento que ganha proporções assustadoras, com os registros das primeiras mortes<sup>14</sup>. Com o exame cuidadoso dos bancos de dados existentes nas redes o jornalista digital pode descobrir fatos de enorme relevância muito antes da medida entrar em funcionamento, quando ainda em fase de estudo ou finalização do projeto. Mesmo nos casos de medidas consumadas, uma simples consulta rápida ao diário oficial dos três poderes dá ao repórter uma radiografia de nomeações, editais lançados, contratos assinados e recursos distribuídos, que estudados com cuidado, podem se transformar em ponto de partida para uma notícia ou reportagem.

A dimensão mundial das redes rompe com os limites impostos pelas distâncias físicas, impeditivas para empresas com menos recursos acessar documentos ou as fontes primárias, mas que agora podem ser consultadas a baixo custo através de correio eletrônico. Uma publicação que acompanha o processo de renegociação da dívida externa brasileira pode, sem a necessidade de manter um correspondente em Nova Iorque, apresentar uma

cobertura completa da situação tomando como fundamentação os dados, documentados e as projeções de analistas de mercado ou especialistas acadêmicos disponíveis em páginas como Banco Mundial<sup>15</sup>, Bolsa de Nova Iorque ou de economistas como Paul Krugman. Na era das redes com a diversidade de fontes encontradas, muitas delas de livre acesso, nada que não seja a falta de compreensão da modificação porque passa o jornalismo nas sociedades contemporâneas justifica a transcrição total dos conteúdos comprados das agências de notícias, divulgados com um dia de antecipação pelas próprias agências.

O acompanhamento das experiências de apuração nas redes revela que o produto final apresenta melhores resultados sempre que ocorre uma divisão do trabalho, com cada profissional ficando encarregado de uma parte da apuração. Na maioria dos casos, ao menos nos Estados Unidos, o jornalista conta com o apoio dos pesquisadores do Centro de Documentação das publicações. No Brasil, em publicações como *O Globo*<sup>16</sup>, a redação digital trabalha em linha direta com o Centro de Documentação, e, durante a implantação do projeto a mesma profissional acumulava a chefia dos dois setores porque a empresa considerava que o funcionamento do trabalho dependia da sintonia da redação com a parte de recuperação de dados ou reportagens necessárias para a produção dos conteúdos diários.

Se formulada com o cuidado de atender as particularidades das operações desenvolvidas pelo jornalista ao longo de um dia de trabalho, uma proposta para estimular a apuração que toma como ponto de partida os dados disponíveis nas redes tem todas as condições de agradar os profissionais de uma publicação digital. Em um entorno complexo como o ciberespaço, com uma multiplicidade de emissores e em fase de consolidação nenhum modelo que desconsidere a necessidade da redução de custos, da economia de tempo e da incorporação de usuários no sistema produtivo como forma de diversificar as fontes tem muito futuro. Nas atuais circunstâncias qualquer publicação pode adotar um

sistema de produção de conteúdos factível com as características do mundo digital. A falta de uma generalização de sistemas capazes de superar os modelos consagrados pelas organizações jornalísticas de antigas gerações esbarra na cultura arraigada dos profissionais, sempre temerosos de trocar o certo pelo duvidoso, na escassez de projetos considerados viáveis pelos investidores e na quase inexistência de pesquisas aplicadas ao jornalismo no suporte digital, sem atrelamento direto aos conglomerados de comunicação comprometidos com os meios convencionais.

### **Conclusões**

O descompasso entre as demandas da prática profissional e o modelo de adoção dos computadores nas redações impediu uma modificação no sistema de produção de conteúdos nas organizações jornalísticas. Muito desta defasagem se deve a difusão de conceitos como jornalismo de precisão ou reportagem assistida por computador, capazes de reduzir a tecnologia a um uso instrumental porque aperfeiçoa o trabalho sem desestabilizar os fundamentos da prática. A consolidação no jornalismo digital pressupõe a compreensão de que a tecnologia representa a possibilidade de criação de um formato distinto de jornalismo em que todas as etapas do sistema de produção de conteúdos – desde a apuração a circulação – são circunscritas aos limites do ciberespaço.

A multiplicação dos difusores altera as relações entre os jornalistas e as fontes porque transforma os usuários do sistema em fontes. Enquanto no jornalismo convencional em que muitas vezes declarações são transcritas como notícias predomina o uso das fontes oficiais, no jornalismo digital a participação dos usuários contribui para a utilização de fontes independentes, desvinculadas de forma direta dos casos publicados. Com a descentralização da redação ocorre uma inversão no fluxo de notícias, antes muito dependente das fontes organizadas. O próprio jornalista necessita rastrear nas redes os

dados antes de redigir a matéria solicitada ou mesmo quando apura a veracidade dos conteúdos das matérias enviadas pelos colaboradores. O alargamento do conceito de fontes coloca na ordem do dia a reflexão sobre as consequências para o jornalismo da incorporação dos usuários no circuito de produção de conteúdos.

Nas redes de circulação de notícias, mais que nunca, como lembra Claudio de Moura Castro, vale “o princípio da dúvida sistemática para distinguir entre o verdadeiro e o falso usando a razão e o bom senso”<sup>17</sup>. Mesmo que seja um exagero concluir que a ausência de reputações construídas por décadas entre os emissores nas redes, quando comparados aos meios convencionais, conduz ao reino da boataria plena, existe pouca dúvida de que o futuro dos sistemas de circulação de notícias no ciberespaço depende da disseminação entre todos os usuários de critérios de controle de qualidade dos conteúdos. Como contrapartida a diluição das instâncias de controle antes definidas pelos próprios profissionais ao longo das etapas de um sistema centralizado, o fator diferencial do jornalismo digital consiste na redistribuição dos poderes de controle entre todos os membros do sistema, considerando que os usuários são ao mesmo tempo fontes e produtores de conteúdos.

---

\* Trabalho apresentado no GT de Jornalismo da Associação latino-americana de pesquisadores em Comunicação, Santa Cruz de la Sierra, Universidade Privada de Santa Cruz de la Sierra, 05-08 de Junho de 2002.

#### REFERÊNCIAS

<sup>1</sup> Para detalhes sobre origem do conceito de reportagem assistida por computador ver Investigative Reporters and Editores (<http://www.ire.org>) e National Institute for Computer-Assisted Reporting (<http://www.nicar.org>)

<sup>2</sup> MEYER, Philip. *Precision Journalism. A Reporter's Introduction to Social Science Methods* Bloomington: Indiana University Press, 1973.

<sup>3</sup> As reportagens realizadas pelas equipes de especialistas em reportagem assistida por computador consomem meses de trabalho dos profissionais envolvidos no projeto. A reportagem "Deadly Force", de Alice Crites e Margot Williams, do *The Washington Post*, um conjunto de cinco peças publicadas no final 1998 e ganhadora do prêmio Pulitzer de 1999 custou 8 meses de trabalho a uma equipe formada por dois pesquisadores, dois especialistas em reportagem assistida por computador, 4 repórteres, 2 editores, 1 diretor de arte e 1 fotógrafo. Ver HANE, Paula. *Super searchers in the news. The online secrets of journalists and news researchers*, BASH, Reva (ed), New Jersey: CyberAge Books, 2000. pp...97..

<sup>4</sup> Ver MEYER, Philip. *Precision Journalism. A Reporter's Introduction to Social Science Methods*. Bloomington: Indiana University Press, 1973, p. 15.

<sup>5</sup> Ver The politics of precision journalism in MEYER, Philip. *The new precision journalism*. 2a ed. Bloomington: Indiana University Press. 1991 Disponível em <<http://www.unc.edu/~pmeyer/book/>> Acessado em 10 Mar 2002.

<sup>6</sup> O MST mantém um página com versões em português, espanhol, inglês, sueco, italiano, francês e alemão com dados sobre o movimento, boletins de notícias e campanhas de arrecadação de recursos entre outros. Ver a página do MST . Disponível em <<http://www.mst.org.br>> Acessado em 10 de Março 2002.

<sup>7</sup> Ver PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas : contributos para o mapeamento do campo. In *Comunicação e Sociedade*, Vol 14 (1-2), 2000, 277-294, Braga: Universidade do Minho.

<sup>8</sup> Para um estudo detalhado das especificidades do Último Segundo ver PRADO, Ana. *Informação Fast Food. Um estudo de caso do jornal Último Segundo do portal iG*.2002.148 pp. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação: Universidade Federal da Bahia, Salvador.

<sup>9</sup> Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/useg/palavra/artigo/0..658886.00.html>> Acessado em 10 de Março 2002.

<sup>10</sup> Ver PINTO, Manuel. Op. cit. pp. 291.

<sup>11</sup> Ver MARINHO, Sandra. O valor da confiança nas relações entre jornalistas e fontes de informação In *Comunicação e Sociedade*, Vol 14 (1-2), 2000, 351-356, Braga: Universidade do Minho.

<sup>12</sup> Ver MACHADO. Elias. Os novos conceitos de edição no jornalismo digital In *Comunicação e Sociedade*, Vol 14 (1-2), 2000, 357-373, Braga: Universidade do Minho.

<sup>13</sup> Ver GASPARI, Elio. As baixarias contra Roseana Sarney Disponível em <<http://oglobo.globo.com/colunas/gaspari.htm>> Acessado em 10 de Março 2002.

<sup>14</sup> Em 1999 a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) demitiu 5.792 mata-mosquitos, decisão mantida pelo ministro José Serra, mesmo após a sentença de reintegração dada pelo Tribunal Regional Federal da 2ª Região em dezembro do ano passado dos Trabalhadores da Saúde, Previdência e Trabalho do Estado do Rio. Em documento entregue pelo Sindicato dos Trabalhadores em Saúde do Rio de Janeiro ao Ministro José Serra em 20 de janeiro de 2002 a entidade denuncia que a atual epidemia de dengue no estado do Rio de Janeiro decorre em boa parte da demissão dos mata-mosquitos. O documento revela também que houve a redução dos recursos para mão-de-obra contra a dengue no estado - de R\$ 60 milhões para cerca de R\$ 20 milhões. Ver GANDRA, Alana Serra receberá documento de mata-mosquitos demitidos no Rio. Disponível em <<http://www.radiobras.gov.br/REA-20020121-124116-00-74.html>> Acessado em 10 de Março 2002.

<sup>15</sup> Ver Banco Mundial Disponível em <<http://worldbank.org>> Acessado em 10 de Março 2002 Bolsa de Nova Iorque Disponível em <<http://www.se.com>> e Paul Krugman Disponível em <<http://www.princeton.edu/~pkrugman/>> Acessado em 10 de Março 2002.

<sup>16</sup> Disponível em <<http://www.oglobo.globo.com>> Acessado em 10 de Março 2002.

<sup>17</sup> DE MOURA CASTRO, Claudio. Roubaram a Amazônia! In *Veja* 19 de novembro 2001, pp. 22 São Paulo, Editora Abril.

#### BIBLIOGRAFIA

BASTOS, Helder. **Jornalismo electrónico. Internet e reconfiguração de práticas nas redações**. Coimbra: Minerva. 2000.

HANE, Paula. **Super searchers in the news. The online secrets of journalists and news researchers**, BASH, Reva (ed), New Jersey: CyberAge Books, 2000.

KOCH, Tom. **Journalism for the 21 st Century. Online information, electronic databases and the news**. West point: Praeger. 1991.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MACHADO. Elias. **Os novos conceitos de edição no jornalismo digital** In *Comunicação e Sociedade*, Vol 14 (1-2), 2000, 357-373, Braga: Universidade do Minho.

MARINHO, Sandra. **O valor da confiança nas relações entre jornalistas e fontes de informação** In *Comunicação e Sociedade*, Vol 14 (1-2), 2000, 351-356, Braga: Universidade do Minho.

MEYER, Philip. **Precision Journalism**. Bloomington: Indiana University Press, 1973.

**The politics of precision journalism** in MEYER, Philip. *The new precision journalism*. 2a ed. Bloomington: Indiana University Press. 1991 Disponível em <<http://www.unc.edu/~pmeyer/book/>> Acessado em 10 Mar 2002.

NORA, Paul. **Computer-Assisted Research. A Guide to tapping online information**. 4ª ed., Chicago: Bonus Books, 1999.

PINTO, Manuel. **Fontes jornalísticas : contributos para o mapeamento do campo**. In *Comunicação e Sociedade*, Vol 14 (1-2), 2000, 277-294, Braga: Universidade do Minho.

PRADO, Ana. **Informação Fast Food. Um estudo de caso do jornal Último Segundo do portal iG**.2002.148 pp. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação: Universidade Federal da Bahia, Salvador.

